

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br



LUIS VENTURA/DIVULGAÇÃO/JC



Vencedora do Prêmio Jabuti e ex-patrona da Feira do Livro de Porto Alegre, a escritora e jornalista fala sobre *bullying* e preservação ambiental em *Baleia assassina*

## LITERATURA

# Cíntia Moscovich dá novos passos na literatura infantojuvenil

Adriana Lampert  
adriana@jornaldocomercio.com.br

Nesta terça-feira, a escritora e jornalista Cíntia Moscovich recebe o público na Livraria Paisagem do Moinhos Shopping (Olávo Barreto Viana, 36) para o lançamento de seu segundo livro infantojuvenil, *Baleia assassina* (Editora Escrita Fina). O evento, que acontece às 19h, tem entrada franca e contará com sessão de autógrafos e um bate-papo com a jornalista Alice Urbim e as escritoras Claudia Tajés e Chris Cidade Dias.

Somando 136 páginas, a obra fala sobre *bullying*, pertencimento e dignidade e apresenta outros temas urgentes como sustentabilidade, reciclagem, corrupção e participação cívica, com linguagem viva e diálogo afiado. Narrado por Natan, um adolescente gordo, o livro começa com uma cena tão concreta quanto devastadora: ao apresentar um trabalho em grupo, ele senta na mesa da professora e ela cede. A sala explode em risos e o apelido nasce: "baleia assassina". A partir dessa

humilhação inaugural, o protagonista conduz o leitor por uma trajetória que combina humor e dor. "Sempre que se tem um episódio de violência ou alguma coisa muito agressiva, existe a possibilidade de abrir uma brecha para o ridículo da situação", explica a autora. "A pessoa que agride é potencialmente estúpida e imbecil; a agressão revela toda a baixa e a vileza de caráter", acrescenta.

A consciência social também é um dos elementos abordados na história, a partir de uma trama coletiva: a cidade onde o protagonista vive está ameaçada por estiagem, pressão urbanística e um projeto que pode derrubar árvores centenárias em nome do "progresso". Enquanto Natan lida com o *bullying*, com o próprio corpo e com o impacto de se sentir ao mesmo tempo invisível e alvo, sua mãe Joana, bióloga e 'eco-chata' assumida, lidera um movimento de resistência que cresce até ocupar as ruas. "Tem esse apelo grande da preservação da natureza e também de amor aos animais, que é tratado

a partir da relação dele com seu cachorrinho, o Tom. Ele é um menino que aprende desde cedo a ter respeito pelas coisas e pela vida", ressalta Cíntia.

Segundo a autora, a literatura não é apenas um amontoado de palavras dispostas para o entretenimento, mas uma ferramenta de expansão da consciência humana. A autora avalia que a produção voltada para o público jovem é potente para desconstruir a gordofobia e esclarecer as nuances da pressão estética, mas seu objetivo vai além. "A literatura tem esse grande papel no mundo que é o de criar vínculos solidários entre os indivíduos. No momento em que tu lês a história do outro, tu crias 'olhos de ver' o outro, tu te tornas uma pessoa capaz de se colocar no lugar dele", reflete.

Essa capacidade de alteridade foi o que guiou a construção de Natan, afirma a escritora. O protagonista não é apenas um personagem de ficção, mas carrega traços da própria história de Cíntia. "O Natan é muito parecido comigo. Eu sou uma pessoa gorda e

fui uma menina gordinha que não cabia em padrão nenhum. Uma grande parte dele foi construída a partir da minha experiência pessoal de não caber no mundo e sofrer *bullying*", revela. No entanto, ela fez questão de imprimir no adolescente uma postura ativa, fugindo do estereótipo da passividade: "Eu não quis que o Natan fosse vítima de nada. Eu reagi quando a primeira pessoa me chamou de gorda e dei um 'para quieto'. Fiz o Natan fazer o mesmo para que todos respeitassem o gordinho".

A trama de *Baleia assassina* também resgata memórias coletivas de Porto Alegre. O episódio em que a mãe de Natan sobe em uma árvore para evitar que ela seja derrubada foi inspirado em um fato real ocorrido em 1975, em frente à Faculdade de Direito da Ufrgs. "Achei um barato aquilo. Pesquisei os acontecimentos da época e os reproduzi. Também tem um diálogo com (o romance) *O barão nas árvores*, do Italo Calvino", comenta a autora.

Transitar entre o público adulto e o infantojuvenil é um desafio

que Cíntia abraça desde o início dos anos 2000. Ela afirma que escrever para jovens exige uma dinâmica de ação que muitas vezes falta na literatura adulta. "O público infantojuvenil é exigente nesse sentido; para eles a narrativa também precisa ter quase zero de abstração. Isso contaminou minha escrita para adultos, deixando a linguagem mais singela e com mais movimento", explica.

Essa vitalidade narrativa é o que ela busca transmitir em sua já tradicional Oficina do Subtexto, que recentemente iniciou uma nova edição online. Cíntia conta que utiliza o curso para separar a fantasia da realidade do fazer literário. "As pessoas chegam cheias de anseios sobre o ato da escrita, mas 99,9% deles não correspondem à realidade. O fazer literário é artesanato, é suor", afirma.

Com a autoridade de quem já venceu o Prêmio Jabuti, em 2005, e os prêmios Portugal Telecom de Literatura e Clarice Lispector (da Fundação Biblioteca Nacional) em 2012, a escritora observa que o formato online trouxe um relaxamento formal e de conteúdo nos alunos, o que exige dela um rigor ainda maior na correção de rumos, na precisão do vocabulário e no sequenciamento de ideias. Para combater a frieza da tela e a vida no automático, Cíntia propõe exercícios sensoriais profundos, como pedir que os alunos se atirem no chão para perceber o mundo pelo nível térreo, ou que circulem pela casa vendados. "A gente escreve com o corpo inteiro. O texto tem que ter um apelo sensorial, erótico, para atrair o leitor. Se o corpo não escreve, o leitor não lê".